

## EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS PARA IDOSOS: SINGULARIDADES EDUCATIVAS EM AMBIENTES NÃO-FORMAIS

Rosângela Silva Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta ações extensionistas que promoveram educação em Direitos Humanos para pessoas idosas explorando a fotografia como estratégia didática para a construção e comunicação dos conhecimentos apreendidos nas práticas sociais. O objetivo foi estimular e analisar diálogos intergeracionais que provocaram o olhar reflexivo dos idosos sobre si mesmo, sobre o ambiente familiar e social em que estavam inseridos. Metodologicamente optou-se por valorizar suas percepções e formas de comunicação conforme o pensamento pedagógico paulofreireano que pressupõe o diálogo e a construção de conhecimento pelo próprio sujeito como base estruturante de qualquer nível de aprendizagem. Na comunicação didática privilegiou-se a estimulação da inteligência emocional dos idosos. O método de abordagem foi o Dialético porque este atende práticas investigativas que analisam ambientes sociais em seus distintos aspectos e inter-relações. As atividades propostas aos idosos ocorreram no período de agosto/2017 a setembro/2018 tendo como público-alvo 46 idosos matriculados no Programa de Extensão Universidade Aberta Intergeracional (UNABI) vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Bacabal. Os resultados apontaram a ampliação da consciência dos idosos sobre si mesmo, suas potencialidades e limites, expressos em sínteses pessoais comunicadas em fotografias. Nos diálogos educativos foi possível identificar a real apreensão do que significa direito à vida e à liberdade individual em qualquer idade. As diferenças culturais e cognitivas dos idosos foram superadas com a substituição da letra escrita pela imagem fotográfica, sem prejuízos de expressão de convicções e sentimentos.

**Palavras-chave:** Educação, Direitos Humanos, Envelhecimento Humanizado.

### INTRODUÇÃO

A ampliação de ações educativas na terceira idade, proposto por projetos de extensão universitária, vem provocando diálogos investigativos sobre o lugar social do idoso, seu potencial cognitivo e potencialidades de envelhecimento saudável e ativo. Conforme estudos divulgados pela Secretaria Nacional de Promoção Defesa dos Direitos Humanos (BRASIL, 2016) este segmento populacional, predominantemente feminino no Brasil, tem alcançado um vertiginoso crescimento e as instituições públicas precisam se organizar em ações includentes para assegurar-lhes uma velhice humanizada.

---

<sup>1</sup> Docente do Curso Pedagogia da Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, [rosangela.uema@gmail.com](mailto:rosangela.uema@gmail.com); (83) 3322.3222

A Lei Federal 10.741/2003, popularmente conhecida como Estatuto do Idoso, estabelece que é obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público garantir ao idoso a preservação de sua saúde física e mental em condições dignas, com liberdade e dignidade (ibid). Mas estes direitos fundamentais são preteridos no dia-a-dia da sociedade civil e política brasileira. Muitos idosos desistem de lutar por seu lugar social e isso é altamente prejudicial, pois o espaço de poder não fica vago. Se o idoso não ocupar seu espaço político, certamente outros o ocuparão, com graves repercussões para os direitos tão duramente conquistados em políticas públicas.

Como sujeitos históricos que são os idosos precisam ser respeitados, valorizados e incluídos em todos os setores da sociedade. Num país como o Brasil, com um vasto contingente de pobres em todas as idades, com uma política de educação e saúde caótica, com benefícios previdenciários ínfimos, com a assistência social praticamente inerte e com um forte preconceito contra os idosos, não é difícil presumir porque muitos desistem de lutar pelo seu lugar social (ALVES, 2001; LIMA, 2000; MONTEIRO, 2001). Entre os males sociais que enfrentam, os mais expressivos são de caráter relacional – são excluídos da vida cultural e da vida familiar ativa, destinados à penumbra da existência humana, silenciados como seres humanos (NERI, 1995).

A Universidade pode se constituir em locus privilegiado, porém não exclusivo, de reflexão e ação para provocar uma consciência comunitária da necessidade do exercício da cidadania na terceira idade. Foi neste propósito que este projeto de extensão foi elaborado, procurando atender este segmento populacional desconfiado de políticas públicas que raramente se cumprem, mas que estão sempre curiosos em conhecer coisas novas.

No momento inicial de aproximação pedagógica as ações extensionistas propostas para os idosos do programa Universidade Aberta Intergeracional (UNABI) vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) no Campus Bacabal, mostraram-se desafiadoras em sua transposição didática. Os resultados poderiam representar a permanência ou evasão dos idosos no programa. E aqui o valor didático do uso da fotografia em sala de aula como recurso pedagógico envolvente e incluyente foi determinante.

A fotografia foi especialmente explorada dentro e fora da sala de aula para socializar experiências de vidas, resgatar memórias, comunicar cuidados com a saúde do idoso ressaltando seus direitos sociais e provocar reflexões que não coadunam com qualquer tipo de violência ou preconceito contra o idoso. Esta experiência educativa será apresentada a seguir como um

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

percurso metodológico possível de ser aplicado para construir e expressar conhecimentos simples e/ou complexos, mas apreendidos nas percepções e cognições deste segmento populacional.

## **METODOLOGIA**

As ações educativas foram desenvolvidas na Universidade Estadual do Maranhão, Campus Bacabal, em encontros semanais de três horas-aula, durante o período de agosto/2016 a setembro/2017 tendo como público-alvo 46 idosos matriculados no Programa de Extensão Universidade Aberta Intergeracional (UNABI) vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Bacabal.

As abordagens metodológicas adotadas ocorreram à luz do Método Dialético por favorecer multiformes diálogos permitindo uma cosmovisão de totalidade e explicação de suas singularidades, contradições e inter-relações (DEMO, 1998; GONÇALVES, 2004).

Os sujeitos envolvidos foram compreendidos como seres históricos que possuem intencionalidades para manter ou modificar a ordem de sua realidade social e neste movimento conservar ou transformar a si mesmo e seu contexto pela consolidação ou mudança de suas percepções (FREIRE, 1999).

Compreendeu-se que o exercício do raciocínio dialético em todas as fases da vida humana estimula diferentes formas de linguagens e aproxima as pessoas, humanizando-as cada vez mais (FREIRE, 1980; 2005).

Os objetivos educacionais gerais envolveram a exploração da fotografia como recurso pedagógico que provoca o olhar reflexivo do idoso sobre si e o ambiente em que está inserido ao mesmo tempo em que o estimula a expressar-se e comunicar suas percepções sobre as pessoas e suas práticas sócio-culturais.

Assim, partindo do questionamento “Onde estou?” os idosos foram orientados a retratar a si mesmo nas práticas sociais em diferentes ângulos através da fotografia e depois socializá-las em grupo comunicando suas percepções e aprendizagens.

Nesta perspectiva os fundamentos teórico-metodológicos deste ato educativo coadunaram com o pensamento do educador brasileiro Paulo Freire

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é a prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. (FREIRE, 1999, p. 53).

## DESENVOLVIMENTO

Pensar na educação em Direitos Humanos para pessoas que já viveram mais de seis décadas exige responsabilidade pedagógica para socializar e analisar meticulosamente práticas sociais que, em si, provocam o homem para olhares e diálogos sócio-políticos relevantes. Aprender, nesta perspectiva, significa captar o movimento do real e seus determinantes (VASCONCELOS, 1999), construindo significados capazes de serem comunicados em distintas linguagens e representações mentais (FREIRE, 1999). E, preterindo silenciamentos desumanizantes.

Para o educador Paulo Freire os desumanizantes consideram apenas a si mesmo como ser humano – os outros, numa atitude possessiva do mundo e dos homens, são percebidos como coisas. São opressores que não enxergam que já estão oprimidos em sua própria ação. “A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, instaura uma outra vocação – a do ser menos.” (FREIRE, 2005, p. 31).

Reconhecer a existência de situações de desumanização entre os idosos constituiu-se saber pedagógico inicial necessário para identificar o lugar social do idoso na família e na sociedade e, com isso, encorajá-los a expressarem suas opiniões, experiências e sentimentos. E permitir a exploração da fotografia neste processo educativo pode apresentar-se como recurso de ensino adequado para estimular olhares e vozes encarceradas. Entre distintos recursos de ensino os registros fotográficos revelaram-se de pertinaz importância pedagógica na terceira idade por permitir, em si mesmo e em seu potencial de comunicação intergeracional, distintas leituras, lembranças e reflexões interdisciplinares. “O papel da fotografia é conservar o traço do passado ou auxiliar as ciências em seu esforço para uma melhor apresentação da realidade do mundo” (DUBOIS.1994, p.30).

O ato educativo em Direitos Humanos proposto aos idosos fundamentou-se em uma pedagogia contrária ao alheamento de si e do mundo, respeitosamente humanizante, ética, reflexiva, investigativa e alfabetizadora porque o homem idoso vive em uma sociedade que privilegia a linguagem escrita. Entendeu-se que mesmo na terceira idade o homem precisa estar aberto para construir novas histórias, novas linguagens e não apenas reproduzi-las.

Considerou-se que a relação educativa do sujeito idoso x objeto de conhecimento (educação gerontológica) não podia ser manipuladora, simplista, mecânica, antidialógica ou distanciada de reflexões sobre o ‘eu’ pessoal e social, pois tudo isso são táticas invasivas de dominação. Ao contrário, as ações educativas propostas foram reflexivas, interativas,

significativas, conscientes e possuíam como essência da transposição didática o registro da reflexão-ação-reflexão do saber apreendido.

Os eixos metodológicos do cerne deste processo ensino-aprendizagem foram:

- ➔ a ação educativa não resulta de imitações, condicionamentos ou reflexos, mas da interação dialética do homem e seu ambiente sócio-cultural;
- ➔ o desenvolvimento cognitivo do sujeito idoso se aperfeiçoa nas múltiplas dimensões das relações interativas que ele participa socialmente;
- ➔ a educação gerontológica é mais bem compreendida pelo idoso quando ele supera diferenças individuais e assume suas reais potencialidades ou fragilidades para comunicar percepções e sentimentos.

Este paradigma educacional dialético, eleito para aplicar nas práticas pedagógicas com pessoas idosas da UEMA/UNABI – Campus Bacabal, permitiu que eles se identificassem como sujeitos livres e iguais em dignidade e direitos civis (ALMEIDA, 2005), experientes e úteis para agir numa realidade social possível de ser revelada/explicada por eles em múltiplas linguagens, ângulos e dimensões.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ações educativas em Direitos Humanos possibilitaram aos idosos o enfrentamento de seus medos e dos silenciamentos sociais a que muitos foram submetidos ao longo da vida. Como força propulsora inicial para revisitar a história de vida dos idosos foi explorado a fotografia e o desenho livre como recursos didáticos que podem comunicar marcas de desumanizações ou isolamentos culturais em diferentes épocas e/ou contextos.

Lições sobre a liberdade de expressão com responsabilidade social, exercícios de leitura dos ambientes físicos e sociais, reflexões sobre as vivências culturais da pessoa idosa na comunidade local e diálogos sobre direitos civis, sociais e políticos foram atividades pedagógicas envolventes que despertaram memórias e promoveram pesquisas e debates para conhecer melhor a Declaração Universal de Direito Humanos (FREIRE, 1999; ALMEIDA, 2005). Inferiu-se que somente uma educação que esteja disposta a considerar o idoso como sujeito de sua própria aprendizagem, que valoriza suas experiências de vida e sua forma de enxergar e ler o mundo, pode agregar qualidade ao envelhecimento essencialmente humanizante e livre (FREIRE, 1980).

A fotografia agregou um alto potencial de comunicação social que provocou os idosos para o diálogo espontâneo sem as amarras da normal culta padrão (KOSSOY, 2003). Como registro visual e material a fotografia apresentou-se como uma linguagem popular privilegiada que permitiu informações culturais difíceis de serem resgatados com precisão quer seja pela língua falada ou escrita (DUBOIS, 1994). Seu caráter educativo capturou comportamentos subjetivos e costumes do sujeito idoso em seu ambiente privado e público (ALVES, 2001).

Em sua função didática as leituras das imagens iconográficas aguçaram e ampliaram o olhar do idoso para seu contexto, exercitou sua capacidade de observação e provocou aproximações distintas e sucessivas do real (KOSSOY, 2003). Além disso, ajudou compreender as sociedades e suas identidades culturais, portanto se constituiu resgates de memórias visuais construída sob diferentes ângulos e fins.

O ato de fotografar ensinou aos idosos dimensões importantes de identidade cultural que podem e devem ser aplicados em sua vida diária (DUBOIS, 1994). Levou-os a refletirem que uma mesma situação pode ser vista sob vários ângulos e que o sujeito fotografante pode determinar o ângulo do registro que ele quer levar consigo. E isto envolveu escolhas e o exercício de autonomia de escolha.

Além disso, a fotografia ainda agregou as seguintes dimensões ao ato educativo:

- ➔ Dimensão afetiva: habilidades para posicionar-se corajosamente diante das situações cotidianas com confiança em si mesmo, consciente de suas potencialidades como de seus limites;
- ➔ Dimensão cognitiva: capacidade para comunicar ideias, opiniões e sentimentos em distintas formas de expressão de maneira coerente e fundamentada em uma leitura de mundo equilibrada;
- ➔ Dimensão sócio-cultural: conhecer e valorizar a história social das comunidades, suas tradições, similitudes, distinções, patrimônios, valores e costumes em constante processo de construção/desconstrução/reconstrução;
- ➔ Dimensão ética: respeitar as diferenças individuais, diversidade cultural dos espaços sociais, distintas crenças ou pensamentos divergentes, reconhecendo sempre o diálogo como fonte mediadora das diferenças;

- ➔ Dimensão profissional: valorizar a perseverança, o respeito mútuo, o esforço e o risco no cumprimento de tarefas, utilizar a flexibilidade diante dos fatos imprevistos, aceitação de conselhos e críticas nas relações interpessoais;

O fato de a fotografia provocar lembranças e suscitar reflexões permitiu que sua exploração em ações educativas ampliase olhares reflexivos dos idosos sobre o ambiente físico e social que pertencem. Passaram a analisá-lo com o filtro dos anos de experiências de vida e revelando-o em concepções particulares que só o click do registro fotográfico foi capaz de reproduzir. Utilizou-se metodologicamente parâmetros da pedagogia paulofreireana porque ela orienta ações didáticas que elegem o diálogo reflexivo e a liberdade da ação consciente como cerne do processo ensino-aprendizagem (FREIRE, 1980, 1999, 2005).

Com este pensamento pedagógico as tarefas educativas orientaram o idoso a aproximar-se do objeto de estudo até encontrar o melhor ângulo para enfrentá-lo, desmistificá-lo e expressá-lo, numa ação consciente de autonomia cognitiva e construção de saberes. A exploração didática da fotografia como recurso de ensino apropriado para idosos levou em consideração os seguintes norteamentos pedagógicos:

- ✓ A ação educativa é consciente e intencional.
- ✓ São condições necessárias para a construção de conhecimentos:
  - o sujeito precisa querer, sentir necessidade de apreender o objeto de estudo;
  - o sujeito precisa ter estrutura de assimilação para compreender o objeto de estudo;
- ✓ Para construir um conhecimento novo, o sujeito precisa de:
  - representações mentais prévias relativas ao objeto de estudo;
  - capacidade de operar com estas representações, bem como construir/reconstruir novos conhecimentos;
- ✓ O conhecimento não se dá de uma vez (não é linear) mas por aproximações sucessivas (avanços, recuos, estagnações) visando sínteses em níveis cada vez mais amplos.

Partindo desses pressupostos e sem ‘ficar nele’ porque há muita vida inteligente – e conscientemente produtiva - na terceira idade, as atividades didáticas que utilizaram a fotografia como recurso de aprendizagem foram desenvolvidas com os seguintes objetivos pedagógicos:

- ➔ Analisar pessoas, lugares ou objetos a partir dos elementos da linguagem fotográfica;
- ➔ Observar o ambiente em que vive fotografando aspectos significativos da realidade;

- ➔ Fotografar uma situação social que expresse relações interpessoais afetivas e significativas para si mesmo;
- ➔ Refletir sobre mensagens transmitidas por imagens fotográficas, ressaltando seus múltiplos pontos de vista e seu valor como documento social;

Nas aprendizagens construídas os idosos descobriram que em Direitos Humanos a liberdade implica necessariamente em denúncia x anúncio, comunicação e expressão de si, do outro, da vida. E reconheceram que, mesmo na velhice, podem fazer diariamente este exercício e registro civil pela fotografia, legitimados pelo valor de documento social que ela confere a todos, sem distinção. Neste processo educativo os idosos desnudaram desigualdades e opressões sociais na mesma medida em que se sentiram envolvidos com as mudanças culturais subjetivas, mas possíveis de serem comunicadas e/ou fotografadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ações educativas que usam a fotografia como recurso didático podem alcançar aprendizagens reais, crescimento pessoal do idoso com a ampliação do conhecimento sobre si mesmo, assim como a identificação de suas reais potencialidades e limitações em situações cotidianas. A educação em Direitos Humanos proposta aos idosos mostrou que uma metodologia de ensino que aplica registros fotográficos para construir e comunicar conhecimentos, ampliam a competência comunicativa dos idosos e otimizam suas habilidades para analisar contextos e relações sociais, selecionar ângulos, fazer escolhas, desnudar sentimentos e assumir opiniões, fazendo uso de diversas e variadas formas de expressão. Cognitivamente as habilidades de interpretação, análise e síntese de informações dos idosos foram aperfeiçoadas e com isso melhoraram suas condições de avaliar e estabelecer relações entre parte x todo, essência x aparência, distinguindo similitudes e distinções, comunicando informações com responsabilidade social.

O idoso aprendeu mais com imagens visuais do que com letras. Sua cognição foi exercitada com mais fluidez porque a fotografia trouxe informações de situações que ele já viveu ou ouviu falar. Ele sentiu mais segurança ao emitir sua opinião olhando uma imagem do que lendo um texto escrito. Muitas vezes desprezou palavras para analisar os elementos iconográficos da fotografia.

Em síntese aprenderam que a fotografia é a linguagem cultural de quem a elaborou e resultado de suas percepções. Nesta perspectiva ela se tornou interessante nas ações educativas para o idoso exercitar sua sensibilidade, criatividade, cientificidade, experiências, emoções, autoconhecimento e expressar seu ponto de vista sobre as pessoas, sobre a cidade, sobre a vida. Tudo foi identificado por imagens, até mesmo a linguagem entre as pessoas. Em alguns casos trocaram as palavras por figuras, selfies ou fotografias de celular que eram imediatamente socializadas nas redes sociais deles. Em relação à formação ética, as ações vivenciadas ensinaram e valorizaram o respeito mútuo e a diversidade cultural reconhecendo o diálogo como instrumento social permanente de humanização e superação das diferenças individuais.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Vera Lúcia V. **Direitos Humanos e Pessoa Idosa**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.
- ALVES, Rubem. **As cores do crepúsculo – a estratégia do envelhecer**. Campinas-SP: Papirus, 2001.
- BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção Defesa dos Direitos Humanos. **Dados sobre o envelhecimento no Brasil**. Disponível em: <<http://www.civico.com.br/idoso/05seminarioIdosoApresenta.asp>> Acesso em 20 abr. 2016.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas-SP: Autores Associados, 1998.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, Papirus, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A Educação como Prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação – Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Moraes, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de artigos científicos**. São Paulo: AVERCAMP, 2004.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- LIMA, Mariuza Pelloso. **Gerontologia educacional: uma pedagogia específica para o idoso – uma nova concepção de velhice**. São Paulo: LTR, 2000.
- MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer: histórias, encontros, transformações**. Belo Horizonte: Autentica, 2001.
- NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Psicologia do envelhecimento**. Campinas SP: Papirus, 1995.
- VASCONCELOS, Celso S. **Construção de conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Libertad, 1999.